

Inauguração da Casa/Atelier Marques da Silva  
26 de Setembro de 2015

As reflexões que apetece partilhar convosco, neste final de tarde outonal, aqui no Marquês, estão forçosamente marcadas pelo sítio e pela experiência que ele nos permitiu viver. É a reelaboração desse pensamento, que só hoje é possível, que poderá, eventualmente, alicerçar alguma construção teórica. Não a faremos seguramente, mas aproveitamos e agradecemos a oportunidade para poder, convosco, como que pensando alto, refletir sobre o significado que teve e tem, agora, para nós, este lugar. Estamos a visitar uma Casa onde já ninguém habita nem vai habitar, o que transforma este espaço numa espécie de lugar expectante, vazio, sem aparente sentido ou significado. É um momento enigmático, com alguma coisa de perverso e, por isso, é difícil saber sobre o que deveremos falar.

O nosso trabalho foi muito limitado pela funcionalidade original destes espaços que não podiam, nem deviam, ser profundamente alterados no seu significado inicial, embora viessem a ser abrigo a novas funções que não determinariam nenhuma alteração estrutural.

As memórias que encerram e que manteremos, por respeito aos seus anteriores usuários, deverão impedir que a transformação de uso a que estarão sujeitos venha a ser sentida como desrespeito.

Esperamos vivamente que esta celebração da casa e da sua domesticidade não seja impeditiva do desenvolvimento do seu novo programa porque, afinal, será ele que lhe garantirá a sua permanência no mundo dos vivos.

Nada mais trágico do que uma casa vazia, como que túmulo de memórias do tempo em que se ouviam nela vozes, choros e se sentia o cheiro da comida que tentaríamos sempre decifrar: quem será a senhora, porque ralhará o seu marido, porque choram as meninas, o que irá comer a família?

O respeito que manteremos, não pode funcionar como uma espécie de permanente má consciência para os novos usuários que não serão hóspedes em casa alheia, ocupantes e estranhos, mas sim os donos do espaço, assim renovado e revitalizado para usos mais contemporâneos que, aliás, e como dissemos, lhe garantirão a sua continuidade existencial.

Só assim, é que, descomplexadamente, poderemos usufruir destes espaços, sem fantasmas ao nosso lado, de meninos, lindas ou mais feias senhoras ou arquitetos e clientes ricos e cosmopolitas, para os podermos olhar de frente e com eles conviver de igual para igual.

Estudamos numa casa com um grande jardim privado para os lados de S. Lázaro e, curiosamente, nunca a identificámos como habitação. No seu terreno, mantendo o que se pôde manter, construíram-se novos pavilhões. Nunca nos perguntámos onde comiam

e dormiam ou cozinhavam os familiares ou criados do Braguinha (nome por que era conhecido o antigo proprietário), de quem se dizia que passava o tempo no muro, a ver os magalas que vinham da Estação de Campanhã. Esse era o único sinal da vida da casa que restava na memória.

Agora sabemos como outras coisas se passavam em casas, do antigo Arquivo de Identificação ao Tribunal, dos Correios ao Museu de Etnografia. As pessoas desapareceram com os móveis e nós devassámos a antiga intimidade com novos usos que fizeram esquecer tudo. A sua rotina pacificou em pouco tempo o desrespeito pela história.

Na Casa de Serralves, pelo contrário, a celebração permanente da casa, dos seus construtores e ocupantes, dos restos do seu antigo recheio, é sinal de um uso não assumido ou interiorizado, transformado numa espécie de acusação permanente aos novos utentes que nunca tomam posse. Esta violência a que temos estado sujeitos, como cidadãos usuários de um espaço tornado público, pode ter outras leituras relacionadas com o seu desenho. Fortemente marcada do ponto de vista morfológico, a Casa de Serralves é, no entanto, ambígua e indefinida tipologicamente o que até poderia ter facilitado a sua reutilização.

Sabido tudo isto, tentaremos que a reutilização desta casa, venha a constituir um equilíbrio difícil, entre uma criteriosa redefinição programática e o respeito pela história que evite qualquer nostalgia.

Para nós, que pensamos, pois, ter aprendido com os exemplos que referimos, este precário otimismo tem sido o alicerce essencial do projeto, da sua ausência ou do seu apagamento, sobretudo porque o exercício disciplinar foi sempre entendido como, respondendo a uma causa social, tendente a preencher programaticamente justas aspirações culturais.

Mas hoje, ainda, e esperamos que pela última vez, celebraremos a Casa como Morada e, por isso, entram, com naturalidade, os poetas que falam de arquitetura como só eles sabem, porque não são críticos, nem arquitetos, são investigadores/artesãos que buscam a essência e lhe dão forma.

Não entendem, ou nem dão por isso, de cronologias, técnicas ou funções e, menos ainda, de relações explicativas de enquadramento cultural ou filosófico. Não aplicam outros critérios que não sejam os que decorrem da emoção estética concretizada na palavra. E quando a arquitetura é o seu tema, já não sabemos se é ela ou o poema que preferimos.

Aceitando a nossa condição de arquitetos, pensamos que a questão da casa e da sua conservação deverá ser, assim, o assunto privilegiado da nossa intervenção não nos parecendo que constitua um tema menor.

E referiremos:

A Casa/atelier como funcionava por andar e como a encontramos: qualidades, incongruências, hesitações, tristeza das cores...

O que fizemos além dos sistemas infraestruturais, como aquecimento e iluminação... os problemas da iluminação e da sua ainda necessária correção

A pintura e o restauro... critérios gerais e particulares espaço a espaço

